

# ★ DO TEATRO DO OPRIMIDO REMOTO AOS JOGOS E IMPROVISOS PRESENCIAIS: INVESTIGAÇÕES E PARALELOS DO TEATRO EDUCAÇÃO EM QUARENTENA

Francine Machado e Daves Otani

**Francine Machado** é professora de artes na Educação de Jovens e Adultos, escritora, formadora e contadora de histórias. Já foi oficina teatral e literária no projeto Piá de São Paulo, Centro Cultural da Penha e Fundação Criança, tendo trabalhado com jovens, crianças e adultos. Fez projetos culturais para Sescs, creches, ONGs, teatros, entre outros espaços.

**Daves Otani** é ator e professor, bacharel pela UNICAMP (1995), Mestre (2005) e Doutor (2012) em Artes da Cena pela mesma Universidade. Trabalhou na “Boa Companhia”, grupo de pesquisa cênica no qual atuou e foi cogestor por 18 anos. Com o grupo percorreu o Brasil e esteve na Inglaterra, Alemanha, Cuba, Marrocos e Portugal. É professor da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH) desde 2010 e orientador do Mestrado Profissional da mesma instituição, onde coordena a Pós-Graduação em Direção e Atuação.

**Resumo:** O presente artigo trata de adaptações e experimentações com procedimentos do Teatro do Oprimido (TO), nas aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em princípio, remotamente, durante a pandemia, e, posteriormente, a retomada dos jogos e improvisos no contexto do ensino híbrido. Traz, portanto, reflexões sobre os diferentes processos metodológicos aplicados no período pandêmico na EJA, em Santo André. O presente estudo relaciona também revisão bibliográfica e relatos de práticas em ensino de arte de cena, com a modalidade de educação mencionada acima (EJA), no ABC paulista. O artigo dá um panorama dos desafios encontrados por professores e estudantes no isolamento e no presencial, e também aponta a necessidade de persistir com o trabalho de sensibilização pela arte.

**Palavras-chave:** Teatro do Oprimido; educação de jovens e adultos; educação remota; educação híbrida; arte educação.

## FROM REMOTE OPPRESSED'S THEATER TO IN-PERSON GAMES AND IMPROVISATIONS: INVESTIGATIONS AND PARALLELS OF THEATER EDUCATION IN QUARANTINE.

**Abstract:** this article deals with adaptations and experiments with Oppressed's Theatre procedures for Youth and Adults at remote education, and how the games and improvisations were practiced at hybrid teaching context, with reflections about these phases in Santo André. The objective is reflected on possible connections with Boal's methodology between young and adult students during the pandemic time. This article relates books, articles, rehearsals and practices about teaching arts with the public and city mentioned before. Also, this paper indicates the teacher's challenges in remote and in-person art teaching and the necessity to continue with the sensibilization work through arts.

**Keywords:** oppressed's theatre; young and adult education; remote education; hybrid education; art education

## 1. Introdução

A presente reflexão apresenta os desafios enfrentados pela educação em arte na “Educação de Jovens e Adultos” (EJA), durante o isolamento imposto devido à pandemia de SARS-COVID. A proposta do estudo é investigar paralelos entre o estudo e a aplicação de jogos e improvisos, advindos dos conceitos e práticas apresentados no Teatro do Oprimido (Augusto Boal) e desenvolvidos de forma virtual – e, posteriormente, introduzidos na retomada do ensino presencial. Considera-se, também, sob a perspectiva do TO, as práticas da atuação no grupo de estudos Quinta Parede (2020); assim como a pedagogia empregada no Estágio Multiplicando Boal, dentro do curso técnico-cênico da “Fundação das Artes” de São Caetano do Sul (SP).

O estudo surgiu das inúmeras inquietações frente aos desafios da educação impostos na pandemia. Foi preciso atualizar abordagens; e novas práticas surgiram nas trocas de experiências pedagógicas, realizadas em paralelo ao trabalho na EJA. Tais vivências permitiram aprofundar os procedimentos com jogos e improvisos a partir do Teatro do Oprimido (TO), associados a estudos sobre as propostas pedagógicas de Paulo Freire.

Busca-se compreender os paralelos entre a prática e a teoria do teatro-educação para estudantes, jovens e adultos, durante o período da quarentena, e reflete sobre a evasão da EJA na pandemia, apresenta propostas a partir de relatos das vivências de jogos e aplicações práticas ligadas ao TO, além de relacionar estes percursos à *Pedagogia Griô* a partir das elaborações de Lillian Pacheco e Marcio Caires. Pedagogia essa embasada na cultura popular, que colaborou para um trabalho sensível junto às turmas menos receptivas às propostas de Boal.

A Pedagogia Griô nasceu de nossa experiência como educadores populares em comunidades quilombolas e rurais da nossa região de nascença - a Chapada Diamantina. Acreditamos que a educação dialógica

e vivencial fundada na cultura da oralidade, proposta pela Pedagogia Griô, pode facilitar a educação de jovens e adultos, porque elabora o conhecimento a partir de seus saberes, fazeres, histórias e modos de vida. Há uma ciência no cotidiano, do quintal, do rio, da rua, da casa, do trabalho, que precisa de um lugar central nesta modalidade (PACHECO, 2006).

A presente reflexão partiu das vivências em conjunto com os diversos grupos de alunos com os quais a pesquisadora manteve contato durante a pandemia. As obras e artigos apontados foram escolhidos por somar reflexões aos debates sobre o Teatro do Oprimido e seus respectivos jogos e improvisações no processo de ensino-aprendizagem em arte-educação na EJA.

## 2. EJA, jogos de improviso e educação remota

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada aos estudantes que não conseguiram acessar ou terminar a educação fundamental na idade regular. Historicamente, essa modalidade sofre retrocessos e avanços dependendo das políticas vigentes ou mesmo dos programas postos em prática por governos estaduais e municipais, conforme detalham as dissertações de Cunha (2019) e D’Agostini (2016). Na cidade de Santo André, onde esta pesquisa-ação foi analisada e aplicada, a EJA teve gestão e iniciativas progressistas, de 1989 a 2016, conforme documentam os livros de retrospecto desta modalidade de ensino *Tecendo Vivências* e *O Processo de Construção Curricular*, ambos publicados pela Secretaria de Educação do Município de Santo André (SANTO ANDRÉ, 2016). Durante o período, a reconstrução coletiva do currículo envolveu os estudantes, a EJA passou por uma abordagem crítica, a educação profissional e a alfabetização foram tratadas como direitos, e o governo federal se interessou em replicar nos Centros Públicos de Formação Profissional

(CPFPs) de Santo André e em outras regiões do Brasil com índices relevantes de jovens e adultos com os estudos regulares não finalizados.

No primeiro ano de pandemia (2020), a EJA de Santo André recorreu ao aplicativo *WhatsApp* para o ensino remoto. As entregas, pela prefeitura, dos chips para conexão aos estudantes foram realizadas já perto das eleições, e funcionaram por pouco tempo. Roteiros de atividades integradas impressas foram produzidos pelos professores e trabalhados com as turmas. Iniciativas para engajar os aprendizes, provocações e novas trocas fomentaram trabalhos surpreendentes. Áudios, fotos e vídeos aproximaram turmas e professores.

Esta pesquisadora produziu podcasts com algumas respostas criativas e engajadas de alguns estudantes. Ao lembrar os sete anos de atuação como professora nessa modalidade, é notória a maior procura das mulheres pela EJA, bem como percebe-se uma narrativa feminina coletiva de machismo, por elas sofrido, que as aparta da finalização dos estudos. Diante destas e outras narrativas estudantis de opressão racial, homofobia e discriminação de classe, foi retomada a pesquisa e a prática com o Teatro do Oprimido, estratégia cunhada na luta contra opressões. Podemos ainda destacar o fato do município de Santo André ter trabalhado, a partir da metodologia de Boal, no processo de elaboração do orçamento participativo (LEAL, 2016) em regiões específicas da cidade, mais abertas ao diálogo coletivo.

Devido às restrições com aparelhos, conexões e letramento digital dos estudantes, foi preciso adaptar dinâmicas para o *WhatsApp* levantadas na dissertação “Jogos Teatrais, Jogos Performáticos e Redes Sociais na Internet”, de Ernani Fernandes do Nascimento: “A ideia fundamental é a de conceber o jogo como ação que mantém acesa a sedução a partir da espetacularização, da atração, do encantamento estético” (NASCIMENTO, 2016, p. 26).

Parte dos jogos criados por Nascimento (idem) foram repensados em interações remotas com a EJA em 2020: os alunos foram provocados

para que fizessem *selfies* do que sentiam e mandassem nos grupos de *WhatsApp*. Depois, foram incentivados a escrever que tipo de emoções viam os colegas expressarem nas imagens, para que os retratados confirmassem, ou não, os próprios sentimentos. Aos poucos, a turma retomava a dinâmica da troca. Metade das salas percebeu a dinâmica como uma “arteterapia no isolamento”.

Após a semana inicial, foi trabalhado o jogo *WhatsApp Novela*, proposto por Nascimento (ibid.) na dissertação acima mencionada, em que afirma: “os jogadores juntamente com outros, através do improviso, constroem a dramaturgia juntos, utilizando do recurso de gravação em áudio nesse aplicativo de mensagens” (NASCIMENTO, 2016, p. 32). Uma versão remota, inspirada em um jogo criado por Boal, “História Contada por Muitos Atores”<sup>1</sup> foi vivenciada na pós-graduação *lato sensu* em Teatro do Oprimido e Processos Grupais na Psicologia Social, com o Coletivo Garoa<sup>2</sup> (2018) de arte-educação, e posteriormente na plataforma *Zoom*. A participação foi de aproximadamente um quarto dos aprendizes, e a história final teve improvisos mais criativos que os experimentados presenciais. Um diálogo entre este jogo digital e o Teatro do Oprimido foi experimentado na volta às aulas presenciais, por ser uma dinâmica em que os estudantes se engajaram ao vivo e que experimentaram também no ensino remoto.

A proposta do último jogo foi imaginar o que os estudantes gostariam de fazer presencialmente, para depois filmar, enviar e tentar acertar o que cada um improvisou em suas gravações. “Os narradores se modernizaram e é possível sê-los através das ferramentas da *web*” (BUSSATO *apud* NASCIMENTO, 2016, p.30). Os alunos não se engajaram. Percebe-se que pouco antes da migração para o ensino remoto, as turmas ainda falavam pouco de suas narrativas, o que prejudicou interações virtuais mais expositivas.

Como fomento e inspiração, foram desenvolvidos jogos e improvisos recolhidos e selecionados, durante a pós-graduação em Teatro do

Oprimido, com estudantes dos técnicos teatrais do 2º semestre de 2020 e 1º de 2021 na Fundação das Artes de São Caetano. Importante citar a multiplicação desta autora-pesquisadora como mediadora da metodologia cênica de Boal no grupo digital do Quinta Parede (2020). Nesta mesma formação, as práticas foram adaptadas à plataforma *Zoom*, devido à migração do modo presencial para o virtual. A finalização desta pós-graduação demandava estágio prático, que seria realizado na própria EJA, mas, com as dificuldades do ensino remoto na educação pública, foi necessário ampliar os públicos para a multiplicação dos estudos de Boal, assegurando as experiências necessárias aos relatórios finais deste trabalho prático.

Testando ajustar e replicar os jogos de Boal na educação fundamental pública, foi notório o impacto das exclusões sociais no andamento dos trabalhos pedagógicos, sendo necessário tanto repensar elementos do TO, quanto revisitar Paulo Freire, escritor e educador popular que é inspiração constante da EJA em escutas e projetos integrados para esta modalidade. “Ambas obras se posicionam ética e politicamente pela transformação social pela educação e cultura” (CANDA, 2012, p. 189). Freire e Boal ressaltam as opressões sofridas pelos estudantes e a expressão deles como facilitadora das transformações necessárias, tornando a prática impactante pois “a Pedagogia e o Teatro do Oprimido proporcionam um fazer pedagógico onde oprimidos se tornam capazes de perceber o mundo, e se expressar nele” (TEIXEIRA *apud* CANDA, 2012, p. 189).

O professor especialista em Arte na EJA, es- tritamente no chamado Ensino Fundamental II, divide-se em diversas turmas, cada uma com especificidade e singularidades, aceitação e resistências. Com turmas resistentes ao TO, foram realizadas propostas de trabalho com a cultura popular nas quais muitas memórias foram resgatadas, especialmente lembranças dos estudantes vindos do Nordeste, Norte e interior do estado de São Paulo.

Outra estratégia para envolver os estudantes no ensino remoto foi a partilha de histórias e práti-

cas com cantos de trabalho por meio do *WhatsApp* com a cantora Renata Mattar, da “Cia Cabelo de Maria (2020) – que realizou oficinas online no isolamento – e a educadora musical Rita Maria Brandão – com quem a pesquisadora segue estudando. Esta prática pedagógica dialoga com as performances já vivenciadas no “chão de escola”. Nela, trabalhei também histórias, canções, memórias e afetos, envolvendo a formação em *Pedagogia Griô* – que é estética e decolonial.

As cantigas populares viabilizaram integra- ções em português para os roteiros e discussões políticas. Uma aluna lembrou de Pernambuco, de onde veio há 40 anos, e esta artista-educadora, ins- pirada pelos mestres Antônio Nóbrega<sup>3</sup> e Lia de Itamaracá<sup>4</sup>, divulgou o processo, memória e afeto da estudante ao criar o podcast “Descansa, Francine!” (MENDONÇA, 2020a). Posteriormente, o Departamento de Jovens e Adultos de Santo André promoveu formações em criação de podcasts.

A *Pedagogia Griô*, na abordagem de Lillian Pacheco e Marcio Caires, permite a identificação com os estudantes migrantes de diversos lugares, especialmente do “Brasil Profundo”<sup>5</sup>, de onde vêm muito da cultura popular. A *Pedagogia Griô* fomenta práticas culturais, resgate de afetos e valorização da ancestralidade de estudantes com impactos posi- tivos na autoestima, como é também o caso da EJA, onde, por meio de cantigas e jogos populares, os alunos vivenciam um aquecimento brincante para o Teatro do Oprimido; adentrando na metodolo- gia da *Pedagogia Griô* já pré-preparados.

Outro desafio imposto à esta professora iso- lamento foi o estágio da pós-graduação, que de- mandava o exercício da prática de Boal em ONGs, escolas ou equipamentos da saúde mental e assis- tência social; mas, com a exclusão digital da EJA, não seria possível multiplicar os jogos nas turmas com as quais o trabalho com Teatro do Oprimido já acontecia há 7 anos.

Para replicar jogos e histórias desta metodolo- gia, foram facilitados encontros cênicos no grupo online de formação artística Quinta Parede (2020).

Nos primeiros encontros desse grupo de vivências culturais do *Facebook*, a turma de professores e artistas explorou leituras e ajustes do “Fichário de Jogos de Viola Spolin” (SPOLIN *apud* PAREDE, 2008). As dinâmicas tiveram adaptações tão radicais à plataforma *Google Meeting* que praticamente se transformaram em novos exercícios. Os jogos de Boal vieram mais tarde e, curiosamente, foram terapêuticos para os participantes mais deprimidos na ocasião. Panda e Rezende (2018), parceiros de práticas da metodologia de Boal vivenciadas nos encontros anuais da Rede Sem Fronteiras de Teatro do Oprimido em Itinga (BA) e Campinas (SP), planejaram e propuseram em parceria com a pesquisadora no jogo “Homenagem à Magritte” – em que, conforme diz Boal (2002, p. 216), os participantes improvisam com objetos que escolhem, transformando-os em outros, até os espectadores adivinharem no que se transformaram.

A proposta com os jogos de Boal durou cinco semanas com encontros de 01h30 a 01h45 realizados em 2020. Nesse percurso, foram adaptados jogos e, como consequência, discussões artístico-pedagógicas vieram à tona. Os retornos do jogo “Orquestra” – no qual parte dos participantes “toca” objetos não musicais, outra parte dança e depois invertem os papéis (BOAL, 2002, p. 145) – provocou diferentes envolvimento e retornos pela videoconferência: alguns esqueceram que jogavam, outros fugiram ao enquadramento de suas câmeras, filhos dos estudantes aderiram às dinâmicas e educadores se identificaram com a prática desta formação.

O teatro cumpre a função de unificar o corpo vivo e dinâmico (...) o cidadão no teatro une e troca experiências com seus iguais e a partir disso transcende pela arte e pelo conhecimento da realidade comum” (FERNANDES, 1995, p. 1).

Com a volta do ensino presencial, as pesquisas sobre o Teatro do Oprimido em Santo André envolveram cinco turmas da escola EMEIEF Darcy

Ribeiro e do CPFP João Amazonas, além do eventual apoio e participação de professores e inspetoras. Foi um desafio aliar a prática teatral à discussão política, pois, depois de um ano em ensino remoto, a metodologia de Boal deixava turmas introvertidas mais arredias. A estratégia adotada foi recorrer ao “Baralho de Jogos Teatrais” (GRIMBERG, 2019), com diversos jogos semelhantes aos do Teatro do Oprimido, porém focados numa abordagem mais lúdica.

Com o baralho, unir turmas esvaziadas de alunos durante a pandemia rendeu improvisações da opressão de uma estudante assediada pelo chefe, que a impedia de sair às 18h e estudar alegando que “já era doméstica, não precisava disso”. Outras turmas, física ou mentalmente cansadas, se engajaram mais em aulas apoiadas pela cultura popular.

Estes foram alguns dos avanços e empecilhos na pesquisa-ação desde 2020, com idas e vindas na prática, devido ao impacto da quarentena, que deixou a equipe quase um ano e meio trabalhando e estudando remotamente. A teoria e a prática exigidas pelo estágio da pós-graduação requeriam aprofundamento em uma das técnicas de Boal, o que não era viável na EJA, em que cada ciclo (o corresponde à “série”) dura um semestre, tendo duas a três aulas semanais de Artes, além de turmas pequenas e estudantes pouco frequentes.

Dado o contexto, a Fundação das Artes acolheu o estágio demandado pela especialização na matéria “Integração e Apreciação Artística” ofertada às turmas teatrais iniciantes do 2º semestre de 2020 ao 1º semestre de 2021. Foram dois meses nos quais se aprofundou no Teatro Jornal<sup>6</sup> (TJ). A estética da videoconferência lembrava a da TV, e o Teatro Jornal foi uma técnica potente para ampliar a visão crítica das turmas:

(...) o Teatro Jornal permite a um determinado grupo entender como ele é visto e subjugado pela grande mídia, uma das interfaces do sistema injusto de opressão, que legitima os opressores e suas ações (SIMONE & CONCEIÇÃO, 2016, p. 119).

Nesta multiplicação da metodologia de Boal na educação informal e na educação técnica, os participantes foram criativos, mesmo em turmas intergeracionais, mas com interesse artístico e predisposição ao lúdico similares. A *Árvore do Teatro do Oprimido* foi um recurso imagético para tratar das técnicas, grupos e trajetória do criador, cuja imagem se inspira no cajueiro do Rio Grande do Norte (PINTO, 2016). As turmas jogaram “Batizado Mineiro” e “Homenagem a Magritte” online, perguntaram muito e ampliaram a discussão. Foram apresentados os vídeos do grupo de empregadas domésticas e atrizes “Marias do Brasil” e do grupo paranaense de estudos e encenações “Fábrica de Teatro do Oprimido de Londrina” (OPRIMIDO, 2010), além de fomentadas discussões sobre a participação do público, o *Teatro Jornal* (TJ) e improvisos das faxineiras atrizes.

Durante duas semanas, o foco concentrou-se no TJ e foi apresentada a gravação “A Trágica História de Julia Z” (OPRIMIDO, 2008), do mesmo grupo de Londrina. Os participantes improvisaram as notícias pesquisadas nos jogos “Leitura Simples” (leitura branca, sem entonações), “Leitura Cruzada” (leitura entrecruzada das manchetes) e escolheram a manchete “Adolescente é mordida pelo marido ao defender pitbull de agressão em BH” (TORQUATO, 2020) para jogar “Entrevista de campo” (no qual interpreta-se jornalista e entrevistado). A partir desse jogo, criaram personagens em uma releitura de programa policial televisivo. Depois, comentamos sobre a impressão equivocada de que a comédia não provoca reflexões, já que, na EJA, boa parte dos debates surgiram em jogos e improvisos cômicos. Foi apresentado o trailer do documentário “*Augusto Boal e o Teatro do Oprimido*” (VIANA, 2010) e o vídeo “Senhora Corpulenta” (BOAL, 2015), com trechos marcantes como a entrada em cena de uma espectadora peruana num esquete machista de dramaturgia simultânea.

A turma demonstrou preocupação com as queimadas no Pantanal e, por isso, foi partilhada a performance digital “Desqueima”<sup>7</sup>(ANDRADE,

2020), além de trechos da peça “Hotel Mariana”<sup>8</sup> (PEDROSA, 2021) sobre o rompimento da barragem em Mariana (MG). Os participantes se inspiraram nesse material para os jogos do “Teatro Jornal Leitura com Ritmo” (exploração de ritmos para improvisar leituras com várias velocidades ou respirações), “Reforço” (em que improvisos paralelos à leitura reforçam a notícia) e “Histórico” (improviso do que aconteceu antes da notícia escolhida). “( ... ) quando a vida se superpõe à ficção, nada mais coerente que trazer a pungência realista a primeiro plano, no que também é chamado de “Teatro Real” (VIEIRA, 2017).

Para trabalhar Boal na EJA, foi necessário incluir, nos roteiros de atividades, histórias das técnicas de Teatro do Oprimido além de memórias, imagens dos jogos, dos grupos, para então complementar com questões. Em um roteiro pedagógico, a proposta foi integrada com outras disciplinas, nesse caso com a Formação Técnica Geral (FTG), na qual a professora Silvana Fagundes, também atriz, estimulou as turmas a pesquisarem imagens de opressões e enviarem nos espaços para respostas dos roteiros. Houve pouco retorno dos alunos nessa iniciativa: nestes, alegaram que a descontinuidade dos kits merenda, os defeitos nos *chips* de conexão à internet da prefeitura de Santo André, e outras preocupações na pandemia como a justificativa para o baixo engajamento.

No 2º semestre de 2021, com poucos estudantes no presencial devido às exclusões já apresentadas, a estratégia foi compor aos colegas de trabalho de unirmos as salas para formar um grupo maior e, dessa forma, vivenciar os jogos “Batismo Mineiro” (apresentações improvisadas em círculo com gestos, característica com a primeira letra dos nomes dos participantes, na qual todos repetem as expressões improvisadas pelos amigos), “Hipnotismo Colombiano” (no qual duplas ou trios seguem a hipnose da mão de um dos amigos, trocando de papel depois), “Dramaturgia Simultânea”, adaptações da “Máquina Rítmica” (em que gestos rítmicos improvisados pelos participantes indicam

suas profissões, que aos poucos se transformam numa máquina integrada de sons e gestos de toda turma), “Corrida em Câmera Lenta” e “Círculo de Muitos Nós” (o grupo inicia em círculo de mãos dadas, anda pelo espaço, congela, procura as mãos dos amigos ao seu lado na roda, se dão as mãos e tentam desenroscar o “nó corporal” em que se transformaram, sem soltá-las).

Em um dos grupos, na EMEIEF Darcy Ribeiro, a turma naturalmente caminhou para o *Teatro Fórum* encenando saídas teatrais para a opressão das faxineiras da turma. Só após improvisarem várias cenas com reações que não caberiam nas vivências das diaristas, perceberam que as saídas propostas eram inviáveis. Já quase no fim do semestre, a professora propôs uma reação organizada de faxineiras se articulando nos pontos de ônibus contra patroas opressoras – algo que já havia acontecido no bairro paulistano de Moema – a fim de exemplificar aos estudantes como essa metodologia ensaia a revolução.

O trabalho iniciado nos roteiros pedagógicos integrados de 2020, com histórias do *Teatro Jornal* de Boal, mostrou que alguns aprendizes que pesquisaram notícias atrativas durante o isolamento, ao serem questionados sobre a percepção destas manchetes, demonstraram maior criticidade, apoio aos oprimidos e fizeram leitura mais teatral via

*WhatsApp* para a professora conferir como lidaram com as atividades longe da turma. “Ao aprender a refletir e criticar sua própria realidade, os alunos da EJA vão desenvolvendo sua cidadania e sua autonomia, tornando-se cidadãos plenos numa sociedade marcada pela divisão de classes” (MACEDO, 2013, p. 7).

## 2.1 Ação-reflexão-ação: o enfrentamento da evasão pós-pandemia

A pandemia do COVID-19 forçou a sociedade a rever perspectivas diante do elevado número de mortes e cidadãos contaminados, além da crise econômica e a falta de políticas públicas norteadoras à nação. A imposição da pandemia causou um

estado de dúvidas e inseguranças à população que viu, do dia para a noite, novas palavras serem incorporadas em seu cotidiano: quarentena, isolamento social, distanciamento social, *lockdown* e mais uma série de termos relacionados à área da saúde que forçaram toda uma sociedade a mudar seu modo de vida (SILVA, SILVA e GOMES, 2021, p. 2).

As questões econômicas e políticas demonstraram a fragilidade da população brasileira diante do novo modelo de ensino: faltava alimentação, acesso à tecnologia e à internet. Os jovens e adultos da EJA precisaram organizar o espaço físico domiciliar para trabalhar e conviver, além de auxiliar os filhos em suas tarefas diversificadas e encaminhadas por diferentes professores. As famílias também demonstraram dificuldades em acessar a internet e a falta de capacitação para usar as ferramentas tecnológicas (BARROS e VIEIRA, 2021).

Para Moraes (2016), é preciso atrelar os saberes e construir a criticidade sobre o agravamento dos problemas sociais e econômicos e viabilizar o desenvolvimento crítico, aliado a uma prática educativa para emancipação dos sujeitos. Contudo, quando se pretende educar para transformar socialmente, os professores confrontam-se com desafios especialmente na transição para o ensino híbrido, em que sua implantação necessitaria de um olhar reflexivo e de mudanças de postura.

A quarentena, por exemplo, esgarçou as interações pedagógicas e transformou as aulas remotas em teóricas, pois “muitas são as particularidades que podem inviabilizar a democratização desse processo. Em nosso país, 4,8 milhões de crianças e adolescentes não têm computadores em casa” (UNICEF *apud* EMANUEL, 2020).

Além disso, a pandemia aumentou a evasão na EJA e os roteiros pedagógicos tinham que tratar o problema com as turmas. “Outra diminuição considerável é nas matrículas da EJA em todo país, que apresenta queda de 234.689 vagas, divididas entre fundamental e médio” (SUDRÉ, 2020). Uma campanha sobre o tema, feita pela Unicef, foi utilizada nas cenas criadas pelos estudantes, além de versos

da música “Não Desista do Seu Futuro” (BROWN & LEXA, 2020). Uma estudante criou um *hip hop* autoral sobre persistência nos estudos, e que foi divulgado no podcast Franzoca Brandão (2020).

A prática em sala foi muito associada à cultura urbana de rua, periférica e marginal nos vídeos e aulas. Na pandemia, criar – sejam podcasts, músicas, projetos ou narrações – amenizou as angústias. “O teatro tem ligação com a necessidade básica de transcender o cotidiano através da representação” (FERNANDES, 1995, p. 26).

Para levar as experimentações com o Teatro do Oprimido a outros públicos e avaliar as complexidades deste processo, foi incluído no estudo da pesquisadora o Projeto Narrativas Itinerantes (2021), premiado pela Lei Aldir Blanc de São Caetano, consistindo em aulas empíricas de *Teatro do Oprimido*, além de gravações sobre narração de histórias e *contações* dramatizadas. Foi perceptível que o diálogo do ensino-aprendizagem com inovações tecnológicas pode impulsionar o compartilhamento, a publicação, a produção e a divulgação de narrativas diversas (EMANUEL, 2020). Foram usadas vídeoaulas, narrações e videoconferências para o estímulo do uso do material audiovisual.

As produções artísticas nas redes se modificaram, pois as *lives* eram pré-produzidas. A parceria técnica e as diversas divulgações chegaram a pesquisadores de outras instituições de ensino e foi iniciada parceria com o Centro de Formação de Profissionais em Educação de São Caetano (Cecape), uma vez que “experimentar metodologias contemporâneas no ensino de teatro nos leva a construir possibilidades de resistência e de inventividade, ainda que em tempos tão sombrios” (EMANUEL, 2020).

Profissionais da educação de São Caetano do Sul (SP) tiveram dificuldades no uso dos vídeos nas formações, pois sua preocupação no começo de 2021 era o retorno presencial sem vacina e EPIs. A professora Claudia Moraes, da disciplina “Conflitos, Opressões e Resistências do Diversitas” (FFLCH/USP) recomendou a inclusão desse projeto em congressos de História Oral, porém a

pesquisadora não levantou recurso para esta divulgação, já que os salários dos servidores andreenses seguiam congelados.

Em paralelo à prática em sala de aula, foi retomado o estágio em TO na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, que aconteceu na plataforma *Google Meetings* em 2021, com uma segunda turma do curso técnico de teatro (na época, *online*). A árvore de técnicas de Teatro do Oprimido foi apresentada com suas histórias, alternando prática de jogos e partilha das sensações dos participantes, num processo que Boal definia como “desmecanização dos corpos”. “Sentir tudo que se toca, escutar tudo que se ouve, ativando os vários sentidos, ver tudo que se olha e memória dos sentidos” (Boal, 2002, p. 89). As dinâmicas trouxeram profundidade aos participantes e os improvisos permitiram fruição até mesmo às mediadoras. A turma mudou regras dos jogos e, nos últimos encontros, dramatizou notícias pesquisadas pelo grupo por meio da técnica *Teatro Jornal*.

Estas videoconferências forneceram uma “lufada de ar necessária para seguir navegando”, como ressaltou Bonifácio (2020, p. 33). A turma divulgou Boal e demandou um projeto de extensão do Teatro do Oprimido à coordenadora Vanessa Senatori, que acompanhava estas aulas.

Já nas turmas da EJA em Santo André, foram trabalhados roteiros sobre desigualdade social e urbanismo, interesses apurados nas escutas de estudantes, integrando todas as disciplinas com textos, perguntas e imagens. Improvisar com técnicas do Teatro do Oprimido pelo *WhatsApp* pediu adaptações. “O tanto que perdemos em termos de práticas e investigações teatrais pelo cessamento do convívio presencial, perderíamos também em não explorar a nova qualidade convivial que se impõe” (BONIFÁCIO, 2020, p. 24).

Em 16 de março de 2021, aniversário de 90 anos do nascimento de Boal e “Dia Nacional do *Teatro do Oprimido*”, a professora compartilhou memórias, imagens e histórias das técnicas de Augusto Boal e de atores em áudios, fotos e vídeos nos grupos. Uma aprendiz, que não estudava há

40 anos, lembrou que fez teatro no hospital em que trabalhava; tinha saudade de quebrar as hierarquias criativamente.

Em suas pesquisas para multiplicação do Teatro do Oprimido e finalização da pós-graduação, a professora revisitou a obra da educadora e escritora Viola Spolin, com o fim de ampliar o próprio repertório, estagiando no grupo independente de estudos virtuais livres em arte. Para Spolin (2012), que desenvolveu e aplicou jogos em regiões operárias norte-americanas na década de 60 em grupos interculturais, “o medo da desaprovação e a certeza de ganhar aprovação podem paralisar o jogador” (SPOLIN *apud* BONIFÁCIO, 2020). Na Fundação São Caetano do Sul, as turmas relataram travas e receios com a crise sanitária, falta de trabalho e timidez em família. Essa estranheza se repetiu nas videoconferências da EJA frustradas por baixa participação, precarização dos trabalhos da turma, dificuldades técnicas ou adoecimentos de familiares.

A multiplicação do Teatro do Oprimido na Fundação e na Quinta Parede tiveram engajamento pelo *Meetings*, enquanto na EJA as experiências se deram em vídeos, que, por sua vez, estimularam debates pelo *WhatsApp*. Uma análise que aponta dificuldades no teatro educação avalia que “propostas muito longas ou que demandam um estado mais ‘vagaroso’, ou momentos de pausas extensas custam a serem sustentadas, justamente por esta característica efêmera e passageira implicada às aulas pelo meio no qual estavam inseridas [*na quarentena*]” (BONIFÁCIO, 2020, p. 38).

No segundo ano de pandemia, foram adaptados os jogos “A Imagem do Som”: em que um dos participantes faz um gesto rítmico, os demais fecham os olhos para tentar imaginar os gestos criados. E, quando o participante que produziu o gesto abrir os olhos, os demais apresentam o que imaginaram. O jogo em questão levou os estudantes à inventividade e flexibilidade: desta experiência decorreu a retomada de outros jogos.

Ainda na Fundação, onde a pesquisa se encaminhou para o *Teatro Jornal*, o grupo discutiu as notícias pesquisadas com esta adaptação de jogo da autora – *reunião imaginária de pauta* – para defenderem manchetes pesquisadas numa espécie de redação fictícia: os participantes repensaram a cobertura da mídia. “[O teatro] possibilita vivência e questionamento sobre distintas situações vivenciadas em cena” (GONÇALVES, 2020, p. 2). A turma ainda realizou outras improvisações a partir de variadas notícias de jornal.

A reflexão-ação-reflexão, a partir de procedimento metodológico de Paulo Freire, se fez necessária no processo todo, especialmente pela sensibilização dos estudantes. Nas turmas resistentes ao teatro, a pesquisa com maior acolhida foi a *Pedagogia Griô*, que facilita rituais de vínculo e aprendizagem, e resgata saberes ancestrais de tradição oral por meio do encantamento, vivência, produção partilhada e diálogo, destacando a expressão da identidade e o direito à vida (PACHECO, 2021, p. 1). Ambos os estudos destacam grupos que a maioria dos estudantes fazem parte ou se identificam: Boal com operários e oprimidos por preconceitos estruturais e a *Pedagogia Griô*, com indígenas, africanos, caiçaras, sertanejos e ribeirinhos. Esta pedagogia estética, brincante e decolonial permite que a valorização da ancestralidade impacte aumente a autoestima das turmas.

As turmas andreenses se identificam com mestres populares: assim como eles, muitos não estudaram. A cultura popular nos grupos gerou adaptações, gravações e partilha de histórias, imagens, explicações, vídeos e cantos da tradição oral. Nesse movimento, os educandos dividiram sentimentos e lembranças, conforme registro no Semanário (documento pedagógico do Santo André). Como trabalhar um teatro dialético de grande exposição como o de Boal em meio às exclusões e introspecção? Nesse contexto, a *Pedagogia Griô* acolhe as diversidades e dificuldades da EJA.

Mesmo assim, apenas uma abordagem educacional não supre a complexidade das turmas,

pois “apesar dos esforços numerosos de diversos profissionais da educação, muitos alunos não foram atingidos pelas aulas remotas e muitos daqueles que foram atingidos acabaram desistindo” (BONIFÁCIO, 2020, p. 65).

Na EJA, a busca de estudantes em risco de se vadirem envolveu ligações, mensagens de áudio, vídeo, integração das atividades e visitas presenciais da gestão. Em Artes, foram buscadas formas de aproximação do cotidiano das turmas conforme *live* educativa com Catelan. “Recomendo maior conhecimento do teatro de Boal para um salto na consciência social, por dialogar diretamente com Paulo Freire e a proposta da EJA” (CATELAN, 2020).

Com a *Pedagogia Griô*, também aumentaram os esforços contra a evasão. Uma partilha com a EJA de cantos de trabalho estudados com Renata Mattar da Cia Cabelo de Maria<sup>9</sup> (2020) estimulou esta pesquisadora a cantar a tocar caixa do divino online com as turmas: “*seu canoeiro venha me passar (2x)/ a maré tá cheia/ eu não sei remar/ se o barco vira/ eu não sei nadar*” (Domínio Popular).

Essa reflexão e paralelos entre as pesquisas e práticas artístico-pedagógicas resgatam o uso da da cantiga acima como metáfora da arte como “uma canoa para atravessar a pandemia”. A pesquisa de Mattar (2020), artista de cantos de trabalho, estimulou a prática percussiva online com as “Caixeiras da Nascente” de Campinas (SP), e estes estudos, que se retroalimentam, contribuíram com o trabalho de canto na EJA. Assim, recordações e sentimentos dos alunos, bem como suas cidades e estados de origem, vieram à tona. “É bom ter um fim para a jornada, mas é a jornada que importa no final” (GUIN, *apud* FARIAS & MENDONÇA, 2019, p. 5).

## Considerações finais

A atualização de abordagens se fez necessária devido à renovação de desafios e cobranças, e à necessidade de adaptações das práticas e planejamentos. Novas práticas surgiram nas trocas com os estudantes da EJA, bem como dos futuros atores da Fundação São Caetano do Sul, e com professores do grupo virtual de estudos no Quinta Parede (2020). No evento “Compartilhando Saberes”, a troca de experiências pedagógicas nas palestras com educadores de Santo André permitiu contato com conquistas e angústias da rede.

A pesquisa bibliográfica associada às práticas artístico-pedagógicas com estudantes diversos permitiu relacionar meu processo pedagógico à formação artística. Neste sentido, a metáfora de Catelan (2020) em *live* da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo é um alento: “o teatro presencial é uma fogueira. Em quarentena acendemos velas para que elas não se apaguem. Ao término deste processo, somaremos essas velas virtuais para reacender a fogueira original dessa tradição”.

Diante dos apontamentos sobre os desafios enfrentados na pandemia e das reflexões cênicas e culturais do teatro neste contexto, a pesquisadora se fortalece no andamento desta pesquisa-ação e nas trocas com seus pares. A intenção é que outros “guardiões de velas” sigam em vigília pela retomada do teatro, seja no palco ou na escola, a despeito do esvaziamento de turmas na educação fundamental pública e dos recursos tecnológicos limitados e lentamente entregues pela Secretaria de Educação andreense na quarentena. Ou, como se desejava bons presságios nos nostálgicos rituais nas coxias: evoé!

## Referências

- ANDRADE, C. **Desqueima**. São Paulo: 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=1677173795782637> Acesso em 02 de maio de 2020.
- BARROS, F. C.; VIEIRA, D. Os desafios da educação no período da pandemia. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.7, n.1, p.826-849, jan. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22591/18083>. Acesso em 09 de abr. de 2022.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- BOAL, A. Instituto Augusto. **A senhora corpulenta**. Rio de Janeiro: 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8F4aSWRUqek> Acesso em 29 de abril de 2021
- BONIFÁCIO, J. **Experiências efêmeras: investigações acerca da prática pedagógica teatral através de plataformas virtuais**. São Paulo, Departamento de Artes Cênicas, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 70 p, 2020.
- BROWN, C.; LEXA. **Não desista do seu futuro**. Globo/Unicef, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kiz5mFkOqn0>. Acesso em 29 de abril de 2021.
- CANDA, C. N. "Paulo Freire e Augusto Boal: Diálogos entre Educação e Teatro" em **Revista Holos**. Mossoró: IFRN, 2012. Disponível em <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/742>. Acesso em 25 de abril de 2021.
- CATELAN, F. **Portal da Secretaria de Educação de Guarulhos**. Canal de Vídeos. YouTube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=d5csMk8257w>. Acesso em 25 de abril de 2021.
- CONCEIÇÃO, A. & SIMONE, C. "Teatro Jornal: Edição Extraordinária!" em **Revista Metáxis**, Rio de Janeiro: Centro de Teatro do Oprimido, p.116-119, 2016.
- CUNHA, André Luiz Lirio da, **O ensino de História na educação de jovens adultos: a construção do currículo e o fazer docente no município de Santo André**. Dissertação, Mestrado Profissional no Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Guarulhos, SP, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).118 p., 2019.
- D'AGOSTINI, R. V. P. **Demandas teórico-práticas e limitações teórico-práticas na construção do currículo da EJA em Santo André**: da possibilidade do trabalho como princípio educativo. Dissertação no Programa de Pós-Graduação da Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, 152 p., 2016.
- EMANUEL, L. **Ensino de teatro on-line: considerações e estratégias para aulas remotas**. Belo Horizonte: Mistura Teatro, 2020. Disponível em: <https://www.misturateatro.com/post/ensino-de-teatro-online-considera%C3%A7%C3%B5es-e-estrat%C3%A9gias-para-aulas-remotas>. Acesso em 25 de abril de 2021.
- FARIAS, M. S. F. & MENDONÇA A. P. **Roteiros de aprendizagem orientações para elaboração para roteiros de aprendizagem**. Dissertação, Manaus, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, p. 5, 2019.
- FERNANDES, I. "O Teatro na Educação e Seus Impasses" em **Comunicação & Educação, Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA –USP**. São Paulo, 1995. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36153>. Acesso em 27 de abril de 2021.
- GONÇALVES, E. "Contribuições do Teatro do Oprimido na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Abandono, Retomada e Permanência" em **Anais das VIII Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade - Teatro do Oprimido como arte marcial: resistência em movimento!** Anais... Rio de Janeiro(RJ) UNIRIO, 2020. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/jitou2020/289169-contribuicoes-do-teatro-do-oprimido-na-educacao-de-jovens-e-adultos-\(eja\)--abandono-retomada-e-permanencia/](https://www.even3.com.br/anais/jitou2020/289169-contribuicoes-do-teatro-do-oprimido-na-educacao-de-jovens-e-adultos-(eja)--abandono-retomada-e-permanencia/)
- GRIMBERG, N. **Jogos Teatrais**. São Paulo, Matrix, 2019.
- LEAL, D. **Fricções Teórico-Práticas do Teatro do Oprimido na Contemporaneidade**. In:Revista Arte da Cena, Goiânia, v. 2, n. 2, Jan.-Jun./2016. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>. Acesso em: 25. abr. 2021. p. 114-127.
- MACEDO, F. **As contribuições de Freire e Boal para a formação dos jovens e adultos: Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido**. Brasília: Universidade de Brasília/ Instituto de Artes, 2013. Programa Pró-Licenciatura em Teatro.
- MATTAR, R. **Cantos de Trabalho**, oficina livre. Cia Cabelo de Maria, 2020.
- MENDONÇA, F. M. **Surpresas da Arte Educação Remota**. Spotify, out. 2020. *Podcast Descansa Francine!* Disponível em <https://open.spotify.com/show/SEABIXCme7fHvvcfAGn2pN?si=2FzT8lDR5G4sKGZu4GKHA&fbclid=IwAR1MxH8ZbkqWSV029JuRWjY3CjRSZTPc8dLniqNl73NSfgmWDkmBRA7r8ek&nd=1>. Acesso em 29 de abril de 2020a.
- MENDONÇA, F. M. "Projeto Narrativas Itinerantes pela Aldir Blanc Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul" em **Canal de vídeos Francine Machado de Mendonça**. São Paulo: 2021. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=gS2IV9iaOms&list=PLGrWvtmSYMCPyEoSv\\_LnpU\\_ktb6JJoWU5s](https://www.youtube.com/watch?v=gS2IV9iaOms&list=PLGrWvtmSYMCPyEoSv_LnpU_ktb6JJoWU5s). Acesso em 27 de nov. de 2021.
- MORAES, C. **Pedagogia Social comunidade de educadores: na busca do saber sócio-educativo**. UNEB, 2016. Disponível em: <https://silo.tips/download/pedagogia-social-comunidade-e-formacao-de-educadores-na-busca-do-saber-socio-educ>. Acesso em 14 de mai. de 2022.
- NASCIMENTO, E. **Jogos teatrais, jogos performáticos e redes sociais na internet: o Facebook e o WhatsApp como potências norteadoras na criação de jogos em sala de aula**, dissertação, Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 103 p., 2016.
- OPRIMIDO, Grupo Oficina de Teatro do. **A trágica história de Julia Z**. Educa Sesc,Londrina (PR), 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=B9N0gno642Y>. Acesso em 29 de abril de 2021.
- 
- . **Apontamentos para o Trabalho da Fábrica de Teatro do Oprimido parte 2/5**. Documentário. Londrina (PR), 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YNGYIF08EEg&t=2s>. Acesso em 02 de maio de 2021.
- PACHECO, L. "O conceito da Pedagogia Grió" em \_\_\_\_\_. **Pedagogia Grió**. Lençóis: Escola de Formação Pedagogia Grió, 2021. No prelo
- PACHECO, L. **A Pedagogia Grió: a Reinvenção da Roda da Vida**. Grãos de Luz e Grió: Lençóis, BA, 2006.
- PANDA, Marcia & REZENDE, Elias. Teatro do Oprimido

- na Educação. IV Encontro sem Fronteiras de Teatro da/o Oprimida/o. Campinas: Escola Estadual Hilton Federici, 2018.
- PAREDE, Q. **Grupo independente de estudo livre em teatro educação na pandemia**. São Paulo, Facebook, 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/groups/877845269405076>. Acesso em 29 de abril de 2021.
- PEDROSA, M **Teaser Peça Hotel Mariana- Atriz Gabriella Potye**. São Paulo (SP). Disponível em <https://vimeo.com/295628427>. Acesso em 02 de maio de 2021.
- PINTO, A. **Formação em Teatro do Oprimido**. Curso livre. Santo André: Parque Escola e Centro de Formação de Professores Clarisse Lispector, 2016.
- SANTO ANDRÉ. Departamento de Educação de Jovens e Adultos. **Tecendo vivências: a Educação de Jovens e Adultos Santo André**, 1989-2016. Santo André, 2016.
- SANTO ANDRÉ. Movimento de Orientação e Reorientação Curricular da EJA – Santo André. **Volume II: O processo de construção curricular**. Secretaria de Educação. Departamento de Educação de Jovens e Adultos – DEJA. 2016.
- SILVA, Givanildo da, SILVA, Alex Vieira da & GOMES, Eva Pauliana da Silva. **A gestão escolar em tempos de pandemia na capital alagoana**. *Journal de Políticas Educacionais*. V.15, n.01. Janeiro de 2021
- SPOLIN V. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SUDRÉ, L. **Dados Preliminares Apontam Queda de 470 mil matrículas na Rede Pública de Ensino**. São Paulo: Brasil de Fato, 2020. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/01/dados-preliminares-apontam-queda-de-470-mil-matriculas-na-rede-publica-de-ensino>. Acesso em 25 de abril de 2021.
- TORQUATO, Bruno. **Adolescente é mordida pelo marido ao defender pitbull de agressão em BH**. Belo Horizonte: Universa UOL, 2020. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/16/adolescente-e-mordida-pelo-marido-ao-defender-cachorro-de-agressao-em-bh.htm>. Acesso em 02 de Maio de 2020.
- VIANA, Z. **Augusto Boal e o Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro: Mapa Filmes, 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c5U0hZ0vLjo&t=8s> Acesso em 29 de abril de 2021.
- VIEIRA, J. *Crítica: Antígona e Hotel Mariana*. Revista Bravo [online]. São Paulo, 2017. Disponível em <https://medium.com/revista-bravo/cr%C3%ADtica-ant%C3%ADgona-e-hotel-mariana-ac855fd91c20>. Acesso em 25 de abril de 2021.

## Notas

- 1 Em “História Contada por Muitos Atores”, um jogador inventa e fala o começo da narrativa e o segundo jogador pode continuar, fazer pequenas alterações ou mudar o que ouviu; e assim farão os demais atores/ estudantes.
- 2 Grupo teatral que busca através de peças, experimentos cênicos, oficinas, formações e diálogos estéticos uma reflexão crítica da sociedade.
- 3 Músico, bailarino, ator, brincante e pesquisador, luta pela valorização da arte popular brasileira que cria e recria nas mais diversas linguagens desde quando conheceu e trabalhou com Ariano Suassuna, em Recife, nos anos 1970. Conheceu a cultura popular tardiamente, mas passou a montar espetáculos, gravar discos e criou o personagem Tonheta, palhaço mambembe, fanfarrão e nordestino.
- 4 Lia de Itamaracá (Maria Madalena Correia do Nascimento) é dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira, cirandeira referência no Brasil, foi titulada Patrimônio Vivo de Pernambuco e recebeu a medalha federal do Mérito Cultural. Participou de festivais e eventos sobre o repasse de sua sabedoria às novas gerações. Em 2019, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco pelos serviços prestados à cultura popular. Reconhecida internacionalmente, o The New York Times a denominou “Diva da música negra”.
- 5 Brasil Profundo reúne a cultura popular e o universo sertanejo distante dos grandes centros urbanos, longe do litoral e em meu estudo envolve manifestações dos povos originários como indígenas, afro-brasileiros, ribeirinhos, caiçaras, entre outros chamados “povos floresta”, que a protegem.
- 6 Uma das técnicas da metodologia Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, que no início esclareceu ao público notícias censuradas nos jornais, durante a ditadura. Atualmente “esteticiza” fake news, notícias tendenciosas, preconceituosas e material não dramático como poesias ou crônicas.
- 7 Vídeo performance da artista professora mencionada acima, revertendo em audiovisual o desmatamento das nossas matas.
- 8 Montagem teatral em que atores ouvem e reinterpretam as mesmas falas dos entrevistados no maior desastre ambiental envolvendo barragem, em Mariana (MG). Esta técnica se chama Teatro Verbatim.
- 9 Companhia musical que pesquisa, grava e apresenta cantos de trabalho pesquisados por Renata no nordeste e interior do Brasil.